



Entre o mito e o preconceito:

A figura feminina na condição de sogra sob os olhares de Fialho de Almeida e Aluísio Azevedo

*Elisabeth Batista**
UNEMAT/USP-Brasil

Grande parte das informações de outras épocas deriva da literatura e, em quase todas as épocas a literatura ocupou-se em relatar o extraordinário, o infrequente, o maravilhoso. Os problemas humanos do quotidiano não aparecem, até meados do século XIX, parece que não estiveram no horizonte de interesse da literatura. Os temas mais particularizantes, das minorias como mulheres e crianças, ocupavam, até então, espaço secundário na expressão artística. Somente no final do século XIX é que as obras trazem à tona os problemas humanos da contemporaneidade, marca constitutiva do programa estético que entrava em vigor: o Realismo.

Ao estudar o trato dispensado à mulher na literatura consideramos que a figura feminina é prevalente e quase onipresente nas obras literárias, desempenhando os mais diversos papéis, da musa perfeita e inatingível à megera desalmada e execrável. Constatamos também que é relevante a profusão de estudos disponíveis acerca do tema, em que se exploram aspectos psicológicos, sociais,

* Professora Ms. da UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso e Doutoranda pela USP-Universidade de São Paulo. Comunicação para o VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16-18 de setembro de 2004.

discursivos, políticos e outros; entretanto, observamos que a figura da mulher na condição de sogra não parece despertar muitas atenções.

Este tema mais particularizante, como as relações interfamiliares, não estão no horizonte de interesse mais geral e, por isso mesmo, podem ser reveladores de nosso modo de nos colocar diante da vida. É, pois, tema adequado para o comparatismo. A figura da mulher na condição de sogra, o seu sentido na organização familiar, os aspectos privilegiados pelos autores na representação artística deste papel, podem nos informar muito de nós mesmos: tanto nas contingências nacionais, bem como as internacionais.

Encontramos em duas narrativas de idade secular a representação desses papéis: o conto “A velha” (1893) de autoria do escritor português Fialho de Almeida; e a novela *Livro de uma sogra* (1895), do brasileiro Aluísio Azevedo. A escolha dessas obras dá-se em função de sua explícita concomitância temática.

Instiga-nos a perspectiva de sondá-los, analisar como os dois autores vão refletir a assimilação da figura feminina na condição de sogra, as condições em que foram produzidas, tentando traduzir as implicações de ordem social e cultural embutidas nelas, também nos acenando a possibilidade de inventariar a ocorrência ou não de virtuais raízes da estereotipia da mulher nessa condição.

O que nos motiva a desenvolver o presente trabalho de investigação, entre outras coisas, é a possibilidade de estudar o trato dispensado à mulher na literatura. O prazer vem ligado essencialmente à literatura. Não é uma coisa momentânea por uma questão polêmica da realidade. Gostamos da literatura porque através dela aproximamo-nos da nossa essência. A ficção, como criação de uma supra-realidade ou para-realidade, permite a exposição de nossas contradições e aponta-nos para a síntese dialética da condição humana. Aliás, a mulher é uma dessas assustadoras contradições.

A investigação, do ponto de vista da sogra, por si só já é uma opção conflitante: é, ao mesmo tempo, o olhar vigilante da mãe de um dos parceiros da narrativa, a quem por princípio deve-se respeito é, sobretudo, quem de longa data, por experiência vivida ou testemunhada conhece os meandros do convívio conjugal.

Este trabalho examinará a bipolaridade ficcional “campo e cidade”, eixos referenciais que encerram as obras a serem analisadas. No conto de Fialho, o enfoque é centrado na mulher do campo e em Aluísio Azevedo a personagem principal é situada no ambiente urbano.

Tais narrativas refletem parte da história cultural luso-tropical do final do século XIX. Nesse contexto histórico de transformações que afetaram tanto o Brasil como Portugal é que centraremos nosso olhar para compreender as implicações de ordem sócio-cultural que a literatura desse período encerra.

Como a figura feminina é interpretada no final do século XIX, período de interesse da nossa pesquisa? Não há como negar o estigma da sogra em nossa sociedade, manifestado principalmente por anedotas, algumas das quais altamente depreciativas, e por expressões de desdém e intolerância. Assim como o estigma da solteirona, da madrasta, da viúva: são variações da condição marginal da mulher na sociedade. É, portanto, uma condição à que a mulher se submete por força das circunstâncias ou da ordem social estabelecida, não porque deseje. As condições objetivas até poderão ser favoráveis e compensadoras - afinal, ainda parece ser o sonho de quase toda mãe o filho “encaminhado” pelo casamento - mas as subjetivas, implícitas nessa espécie de “cultura da rejeição”, impingem-lhe humilhação e sofrimento.

Na obra *História das mulheres no Brasil*, organizada por Del Priore (1997), no capítulo dedicado às mulheres de Desterro, atual Florianópolis, podemos conhecer um pouco da imagem das mulheres, veiculada em jornal que circulava naquela cidade. O trecho é da edição de 22 de setembro de 1885 de *O Mensageiro* (Desterro, 1885 : 3). Na edição selecionada, a mulher e a maternidade são vistas como sublimes:

É o coração de uma mãe a fonte mais pura da ternura. É o depósito mais sagrado dessa chama, que diviniza a mulher e a faz credora da mais sublime veneração na escala social. Eis enfim definido (p.283).

Este texto de 1855 é apenas um exemplar da imagem da mulher relacionada à maternidade. A idealização do papel social da mulher como mãe, é recuperada a exemplo do que ocorreu no século XVII, quando as atenções se voltaram para a infância, quando as mulheres passaram a ser responsabilizadas pela educação dos filhos. Os elementos ideológicos veiculados pelo texto nos levam a perceber a estreita ligação com o surgimento da sociedade burguesa, quando o isolamento feminino nas atividades de esposa, mãe e dona de casa tornou-se um indício de distinção das classes mais abastadas.

Muitos jornais e revistas escreviam para essas pessoas. A imprensa, portanto, dirige-se também ao seu público feminino. O reconhecimento social da mulher

estava diretamente ligado ao cumprimento do papel socialmente previsto para ela: gerar e educar filhos. É curioso observar, no entanto, que essa mesma mulher, amada quando mãe, torna-se alvo de constrangimentos quando, circunstancialmente, vem a desempenhar o papel de sogra. É na verdade uma grande contradição social como conferiremos neste trecho, da outra edição desse mesmo periódico:

*Aos namorados,
Quem se casar nesta terra
Não more com sua sogra
Porque sossego não logra,
E vive em contínua guerra:
Grita o genro, a filha berra
Urra a sogra destemida,
Acode a chusma atrevida
Dos cunhados fariseus, e
Por milagre de Deus, escapa
Um homem com vida.*
(Florianópolis, *Jornal do Comércio*, 1886)

Os jornais cumprem o papel de formadores de opinião. Ao recomendar expressamente a exclusão da figura da sogra, o texto elaborado com rimas de fácil memorização sugere, inclusive, a disseminação popular pela repetição e expressa uma visão estereotipada da imagem da sogra. De mãe a sogra, um breve espaço de tempo e um abismo no que se refere à imagem das duas figuras. Ou melhor, da mesma figura, como que as duas faces da mesma moeda. Mãe no presente, sogra no futuro. Nessa “cultura da rejeição” a figura da sogra é vista com desdém, e a nova família, dita civilizada, não deveria ser composta por qualquer outro parente que não marido, mulher e filhos. A imagem da sogra é também alvo de agressões, como podemos deduzir nas piadas.

- *O Senhor já experimentou o remédio do Dr. Passos contra mordedura de cobras?*
- *Já, e posso afirmar que é infalível. Faço uso dele toda vez que brigo com a minha sogra.*

(*Jornal do Comércio*, 30 jan. 1883, nº16.)

Desta forma, na década de oitenta do século XIX, à imagem da sogra são associados atributos negativos. Então, a mulher, quando desempenha o papel de

mãe, é um dos mais importantes alvo de elogios e consideração por parte da imprensa, mas torna-se a megera intolerável quando, circunstancialmente, vê-se na condição de sogra. Afinal, a sogra não é também a mãe de um dos cônjuges? O que faz com que tal estigma recaia sobre a figura da sogra? Onde estaria a virtual raiz da estereotipia da figura da sogra? Como esta imagem da mulher na condição de sogra vai refletir na expressão artística?

Inegavelmente os jornais da época assinalam o aspecto desfavorável da imagem da sogra e sua figura aparece com uma imagem estereotipada. Etimologicamente a palavra estereotipia [De *estéreo* + *-tip(o)-* + *-ia*: fr. *Stéréotypie*.] é o processo pelo qual se duplica uma composição tipográfica, transformando-a em fôrma compacta, por meio de moldagem de uma matriz, usualmente o flã, sobre a qual se vaza metal-tipo. [Cf. *plastotipia*].

O verbete *estereotipia* caracteriza-se, então, por uma espécie de clichê, uma idéia reforçada pela constante repetição, sem ao menos passar pelo crivo do raciocínio. Deixando de lado o aspecto pejorativo que a expressão pode conter, cabem-nos alguns questionamentos. Seria mesmo a figura da sogra digna de tais atributos estereotipados? A veiculação dessa imagem de sogra pode ser aplicada também à literatura? Qual a imagem da figura feminina na condição de sogra que a literatura desse período encerra? Como os dois autores vão trabalhar a representação artística destes papéis? Estas são questões que exigem mais reflexões que o espaço do periódico finissecular citado não apresenta.

Em Machado & Pageaux (s/d) em seus estudos de *Literatura Comparada* encontramos como conceito de estereótipo:

estereótipo no plano cultural é de grande importância por se constituir uma forma massiva de comunicação. (...) Enunciar o estereótipo é confirmar uma situação, explicá-la. O estereótipo demonstra ao mesmo tempo em que se mostra; prova ao mesmo tempo em que se enuncia. Neste sentido o estereótipo é uma prodigiosa elipse do raciocínio, do espírito discursivo, de que é, evidentemente, a perfeita caricatura. (p.60)

Com base nestas definições, consideraremos como conceito de estereótipo a idéia que se automatiza pela repetição constante. Não entraremos na questão judicativa, ou seja, interessa-nos somente verificar a ocorrência ou não de uma imagem estereotipada e a sua análise.

No estudo do conto português “A velha”, as personagens de Fialho de Almeida vivem em meio a uma natureza hostil. A ação do enredo desenrola-se num fundo de paisagens campestres. A descrição dos aspectos físicos do espaço interno fala-nos de um ambiente humilde, onde, em uma cabana de campônios, vive uma família: a velha (a sogra), o filho e sua esposa, que não gostava da sogra.

A descrição da vida rude e dos esforços pela sobrevivência favorecem as dificuldades nas relações interfamiliares. No dizer de Arroyo (1995 : 05) “A materialidade em que reproduzimos nossa existência e nossa condição humana é a matriz que nos humaniza ou desumaniza.” O ambiente propício à miséria, à disputa por cada migalha de pão, aos maus tratos, não oferecem outra alternativa à sogra, salvo a de deixar a casa onde vivia (ambiente interno) em companhia do seu único filho e da nora.

A novela de Aluísio Azevedo *Livro de uma sogra* apresenta uma elaboração estética muito peculiar: projeta uma história dentro da história. Encaixam-se, na novela propriamente dita, as histórias que o amigo narra, história do livro da sogra, ofertado por outra personagem, Leandro de Oviedo, genro da personagem principal.

A novela de Aluísio, ambientada na cidade, coloca em cena personagens dotadas da capacidade de se comunicar. A personagem principal narra em um diário todas as suas manobras para que a sua filha tenha um casamento perfeito. Sua decisão em arquitetar o futuro conjugal da filha é determinada pela experiência pessoal vivenciada no seu matrimônio mal sucedido.

O narrador chama a atenção para a mercantilização das relações afetivas. No jogo narrativo o pretendente que atende aos pré-requisitos da seleção dispõe, também, de “tino para arranjar na vida”. Assim sendo, Leandro entrará para sociedade matrimonial advindo vantagens e comodidade financeira, no entanto, terá que ser complacente com as condições impostas pela sogra que dita as regras do relacionamento para o jovem pretendente, interfere e arbitra sobre a união dos dois.

Na obra portuguesa a visão da sogra está associada à fragilidade cuja figura emblemática é o *protótipo* do estorvo. Segundo Northrop Frye no seu *Anatomy of Criticism* (1957) o mito serve para identificar o ritual e o sonho numa cultura e também serve como metáfora que, pelo seu emprego social e narrativo, se pode transformar num arquétipo, protótipo ou estereótipo.

A singela imagem da mãe extremosa que gerou, criou e entregou seu único bem (a sua própria moradia) ao filho é apagada, convertendo-se naquele “membro” dispensável no reduto familiar. O filho não saiu em defesa da mãe. Prevalece

a ausência de um modelo masculino familiar, do provedor, do que estabelece a lei e a ordem na “instituição família”. A orfandade precoce privou-o do contato com o elemento masculino – a figura do pai. Essa fratura no seio familiar gera uma anulação da figura do filho que deixa de exercer a lei. Faltou-lhe alguém em quem se espelhar e para construir sua identidade na reprodução do comportamento previsto socialmente para o homem – impor a ordem no seio familiar. É justamente no seio da família que o narrador vai buscar, mais uma vez, apoio para sua visão de mundo de que a vida é comandada por uma vontade, cuja ação objetiva é unicamente espalhar a dor. A nora é insuportável e o filho um covarde, que assiste impassivelmente à expulsão de sua mãe. Impotente diante da brutalidade e da dor, o homem perde a capacidade para ações humanas.

Para denunciar uma realidade de valores humanos degradados, Fialho preferia a emotividade à racionalidade e neutralidade científica do credo Realista, como alguns dos seus contemporâneos, entendia ser a literatura um espaço de idéias e formas diferentes do laboratório científico. As emoções humanas vistas pela arte, em vez de pedir o microscópio do experimentador, exigiam a sensibilidade do artista. Desde que a situação não seja idealizada, a interferência do narrador acaba sendo uma forma de conceber a arte como aliada do homem, como mais um instrumento para a percepção da realidade.

Em Fialho, há pouca evidência de apreço pela figura da sogra. O leitor terá a impressão de não ter existido muito apreço pelas relações familiares fora da esfera do antagonismo gerado por ressentimentos recíprocos, na cultura portuguesa da época.

Do lado brasileiro, constrói-se a imagem da sogra que é a personificação da autonomia. A sogra brasileira possui competência comunicativa, uma vez que consegue catalizar e seduzir as demais personagens em suas manobras, para execução dos projetos que engendra, de felicidade conjugal para a filha e o genro. Está plenamente dotada da energia para realização de seus projetos pessoais e mobilizar colaboradores para o seu propósito.

A família, como se sabe, é um núcleo carregado de afeto, tensões e estranhezas. O próprio grau de parentesco serve, aliás, como indicador da maneira pela qual é concebida a interação entre seus membros. A imagem da sogra e do correspondente genro ou nora revela, muitas vezes, uma história de relações desiguais entre si. É forçoso reconhecer que a veiculação, na expressão literária, das imagens da

sogra se caracteriza por estereótipos. A estereotipia da figura da sogra é, de antemão, paradoxalmente baseada num distanciamento caracterizado pela resistência. A resistência em aceitar que o olho vigilante da sogra é, também, o olhar da “mãe” de um dos parceiros.

É preciso enfatizar que este estudo não pretende negar ou esquecer a importância dos laços que existem entre sogra, genro e nora. Haverá, sobretudo, no plano individual exemplos de grande afeição e apreço neste nível de parentesco. Por outro lado haverá igualmente casos de ódio, preconceitos e antagonismos. É por isso que optamos pela literatura, porque ela aponta para a síntese dialética de nossas contradições e a mulher é uma dessas assustadoras contradições. A literatura desperta uma impressão mais coletiva e humanizada através da elaboração de suas personagens e seu plano narrativo. A repetição constante de uma idéia estereotipada dessa figura, na expressão artística, parece assemelhar-se a certos mitos folclóricos que hoje em dia ainda se verificam nas crônicas, nos seriados, nas telenovelas, nas charges, a exemplo, também, desta frase estampada em um pára-choque de caminhão: *Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão*. Na verdade, a veiculação de frase como esta não contribui, nem sinaliza para a redução do preconceito contra a figura da sogra.

Esta pesquisa nos permitiu explorar os olhares luso-brasileiros, daquele final de século, sobre a mulher campesina e a mulher urbana na condição de sogra. Ao efetuarmos o confronto, entre as duas óticas, vemos sobressaírem figuras de costumes e idéias diferentes. Inicialmente, nos dois casos, a figura da sogra aparece de modo diferente: no caso português, representa a vítima, e no brasileiro, a imagem da algoz, que ao final é redimida. Enquanto no conto português a figura da sogra é a mãe do marido; na novela brasileira, essa mesma figura é a mãe da mulher. Haveremos de concordar que em ambos os casos a figura é estereotipada.

A sogra campesina vivencia a experiência dos grandes problemas humanos, como a dor, a perda, o despojamento, o desafeto, as necessidades humanas. É a mulher que sofre calada e resignadamente, está mais próxima da primitividade, no plano da luta pela sobrevivência e parece não afetada pelos conflitos que vivencia a mulher urbana, a sogra portuguesa passiva acaba por ser excluída do núcleo familiar. A sogra urbana, por outro lado, vivencia conflitos existenciais e luta por novas formas de reinventar o complexo vínculo do casamento. Propõe-se a engendrar uma relação duradoura e não idealizada que sobreviva à convivência contínua, e se sustente com a força inicial do desejo amoroso. A sogra enigmática seduz pelo domínio do verbo,

granjeia adeptos e cúmplices para a realização do seu intento e, ao final, reverte o estigma da implicância e da intromissão.

No entanto, como pontos de contato, em ambos os casos há o apagamento da figura masculina. No caso português, a velha é viúva e o seu único filho é submisso à mulher. No caso brasileiro, a senhora é separada e dispõe de duas figuras masculinas: o Dr. César, tratado como um ajudante de ordem, e o genro que se encontra sob o jugo de um pacto pré-nupcial.

Essas relações mostram uma situação anômala nos dois casos, incorreta para os padrões patriarcais vigentes na época. Em ambos os casos, pelo menos em grande parte da narrativa, anula-se a figura do marido mandão. O genro da protagonista submete-se às condições pactuadas. Selecionado pelos seus atributos físicos e morais, Leandro, devido à sua orfandade precoce e posição econômica, vem para o casamento numa condição de subalternidade, pois não possui o lastro financeiro equivalente ao da sua consorte. Em igual medida, no conto português, faltou a figura do pai, referência para espelhar o papel socialmente previsto para o homem.

Parecem ter sido estes os aspectos privilegiados na formulação das imagens pelos dois autores. A sogra portuguesa apresenta-se fragilizada, como fragilizada se encontra a nação portuguesa na subalternidade do contexto europeu daquele período de transição. A sogra brasileira, ao final da narrativa, reverte favoravelmente a imagem, atenua o arquétipo de megera e enceta uma relação tingida por uma coloração mais respeitosa e reverenciada.

No entanto, se resguardarmos os limites impostos por cada época, essa temática se faz agudamente presente na atualidade. Coube à literatura refletir questões que permeiam a vida social de um determinado período. A literatura, mesmo tendo perdido público para segmentos mais dinâmicos da indústria cultural, como a televisão e o cinema, contudo, possui maior legitimidade social para instaurar inquietações e alimentar a busca de mudanças. Como no dizer de Affonso Romano Sant'Anna, “somente a linguagem poeticamente articulada pode nos libertar do aprisionamento do tempo e libertar-nos da morte”. E eu ousar acrescentar: além de possibilitar a transcendência, liberta-nos, sobretudo, da morte do amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fialho de. *O País das Uvas*. Póvoa do Varzim: Editora Ulisséia, 1996.
- ARROYO, Miguel. *Escola fronteira avançada dos direitos*. Secretaria Municipal de Educação. Belo Horizonte: set., 1995. (digitado).
- AZEVEDO, Aluísio de. *Livro de uma sogra*. Prefácio de Maria da Graça Orge Martins Rio de Janeiro: Ediouro, 1973.
- _____. *Livro de uma sogra*. Prefácio de Núbia Melhem Santos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Joaquim. *História de Literatura Portuguesa*. Porto. Editorial Domingos
- FRYE, Northop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- MARÍAS, JULIAN. *A mulher no século XX*. Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo. 1981.
- PRIORE, Mary Del(org.). *História das mulheres do Brasil* 2.ed., São Paulo: Ed. UNESP, 1977.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de Romances Brasileiros*. 7.ed., São Paulo: 1990.
- VIEIRA, Nelson. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.